

# A QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA DO PESQUISADOR QUE PESQUISA DENTRO DA SUA ORGANIZAÇÃO

FELIPE LEMOS<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo vai analisar teoricamente, a partir da pesquisa documental e um olhar no que concretamente ocorre em situações de pesquisa, a problemática de uma pesquisa científica sob o ponto de vista do pesquisador que investiga a respeito de seu objeto, tendo como campo a própria organização da qual faz parte. O que se pretender discutir é o tipo de movimento que relaciona o pesquisador com o objeto nesse ambiente em que estão interligadas questões como o distanciamento e a aproximação do objeto privilegiando a análise científica, sem prejuízo à pesquisa. Esse problema epistemológico já tem sido discutido na medida em que o pesquisador, nessa condição, pode ser levado a ter de repensar, por exemplo, o uso das técnicas sobre como obter dados com relação ao objeto que é alvo da pesquisa, entre outras atribuições. Teoricamente, o etnógrafo Claude Lévi-Strauss já falava da relação próxima entre objeto e observador, inclusive como elementos pertencentes à mesma natureza, quando mencionava o fato de o observador ser, muitas vezes, parte da observação realizada (LÉVI-STRAUSS, 2005). Foi proposto pensar, por isso, o tema nesse artigo a partir dos aportes teórico de Lévi-Strauss. Também o artigo traz a visão de Edgar Morin, quando esse apresenta a ideia que, de certa maneira, rompe com o tradicional dualismo entre sujeito-objeto, ou seja, a dicotomia entre o sujeito enquanto aquele que observa, isola, define, pensa, isto é, pesquisa sobre algo em essência e o objeto, aquilo que efetivamente será delimitado e pesquisado. Morin trabalha com a ideia de que, na ciência, o sujeito e o objeto estão totalmente inter-relacionados e essa simbiose entre os dois pode levar a algo mais além do que tradicionalmente se chama objetividade científica.

**Palavras-chave:** Pesquisa Científica; Organização; Distanciamento.

## 1. Introdução

Um importante ponto de partida para a discussão desse artigo talvez seja o de se compreender como pode agir o pesquisador no relacionamento com seu objeto e, por conseguinte, com o campo a ser pesquisado. A partir dessa inicial consideração, também se faz necessária uma reflexão acerca de como esse relacionamento se dá na medida em que o pesquisador está completamente inserido na organização que se tornou o ambiente efetivo de investigação científica.

Essa espécie de problema epistemológico já é discutido de certa forma na pesquisa etnológica, onde se mostra um interesse de se identificar com o objeto para estudá-lo e compreendê-lo adequadamente. É possível, por exemplo, evocar Claude Lévi-Strauss. Ele já falava da relação próxima entre objeto e observador, inclusive como elementos da mesma natureza, quando mencionava o fato social e sua identificação. Embora ali não se esteja em discussão efetivamente o fato de um pesquisador fazer parte da organização investigada, é bastante significativa a afirmação de Lévi-Strauss de Que o fato social seja total não significa apenas que tudo o que é observado faz parte da observação;

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação da Universidade Católica de Brasília - Orientador: Luiz Carlos Assis Iasbeck. E-mail: felipe29@gmail.com

mas também, e sobretudo, que, numa ciência em que o observador é da mesma natureza que seu objeto, o observador é ele próprio uma parte da sua observação. (LÉVI-STRAUSS, 2005, p. 137).

Na sua obra sobre o metrô em Paris, o antropólogo Marc Augé também discorre sobre o fato de o pesquisador fazer efetivamente parte do objeto a ser pesquisado. No caso, Augé mesmo pesquisou os usuários do transporte coletivo sendo ele, em primeira instância, um usuário desse transporte e estar amplamente familiarizado com os tipos com os quais manteve contato e que compreendiam o universo pesquisado. O pesquisador enxergava a potencialidade e as possibilidades por já fazer parte do ambiente pesquisado e estar, portanto, de certa forma imerso ali (no caso, o metrô de Paris). Esse mesmo tipo de visão pode ser aplicada aos ambientes que sejam, por exemplo, as organizações onde o pesquisador atua como funcionário remunerado e/ou tem algum tipo de vínculo emocional.

De esta manera al etnólogo que está en el metro (etnólogo de su propia sociedad, aun cuando para él no se trate más que de una etnología de ocasión, de circunstancias, para pasar el tiempo entre dos estaciones) se le impone la necesidad de aprehender toda la individualidade como recapitulación por sí misma del todo social (aunque sólo sea porque cierto número de signos exteriores, que unicamente cobran sentido dentro de un contexto cultural e histórico preciso, permiten por lo menos imaginar su situación, sus gustos, sus orígenes) y se le impone la necesidad de aplicar a cada individualidad “el proceso ilimitado de objetivación del sujeto” en el que pensaba Lévi-Strauss. (AUGÉ, 1998).

Aqui temos, portanto, a discussão iniciada sobre o pesquisador dentro do seu próprio objeto ou, como aludiu Marc Augé, ao etnólogo de sua própria sociedade, alguém que está dentro do local pesquisado e que vai buscar, de alguma forma, realizar seu intento científico tendo como ponto de partida não a exterioridade do objeto, mas o fato de estar inserido nesse ambiente.

Apesar de fazer parte do objeto - ou para fazer um comparativo com uma pesquisa voltada à comunicação organizacional - estar dentro da própria organização onde efetua a pesquisa, o pesquisador inevitavelmente terá inevitavelmente de se preocupar com a maneira como vai agir para, ao mesmo tempo, obter o máximo do que o objeto permite e se distanciar a ponto de conseguir fazer o exercício de enxergar esse objeto com outros olhares que possibilitem o estudo adequado com os rigores científicos.

Foi proposto pensar nesse artigo, por isso, o tema sob o prisma dos aportes teóricos de Edgar Morin e Claude Lévi-Strauss, que contribuem com bastante propriedade a respeito dessa relação pesquisador-objeto, em diferentes e complementares dimensões, além de outros autores que tratam do assunto em maior ou menor medida, para posteriormente contrastar com a realidade da pesquisa analisada e chegar, por fim, a questionamentos que possam orientar de forma mais adequada a como encarar essa problemática no cotidiano da pesquisa.

## 2. Sujeito (Pesquisador)/Objeto

O Paradigma da Complexidade, formulado e proposto por Edgar Morin, traz inúmeros pensamentos e ricas contribuições a respeito do pensar a ciência e, por conseguinte, a pesquisa científica também. Isso se aplica, portanto, a própria relação entre sujeito e objeto na construção dos saberes. E é mais especificamente nesse aspecto que vamos nos deter ao falar desse paradigma.

Um dos princípios desse paradigma é o rompimento do tradicional dualismo entre sujeito-objeto, ou seja, a dicotomia entre o sujeito enquanto aquele que observa, isola, define, pensa, isto é, pesquisa sobre algo em essência e o objeto, aquilo que efetivamente será delimitado e pesquisado. Morin trabalha com a ideia de que, na ciência, o sujeito e o objeto estão totalmente inter-relacionados e essa simbiose entre os dois pode levar a algo mais além do que tradicionalmente se chama objetividade científica.

Mas, assim, ignorou-se que as teorias científicas não são o puro e simples reflexo

das realidades objetivas, mas os coprodutos das estruturas do espírito humano e das condições socioculturais do conhecimento. (MORIN, 2005, p. 137).

Essa forma de pensar coloca a relação entre o sujeito e objeto em um regime de interdependência para que os mesmos elementos existam e, portanto, sejam mesmo identificados a partir disso. Não se trata, nesse caso, de a subjetividade eventualmente interferir no objeto, mas de os dois só fazerem sentido se interligados.

Ainda mais: só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há um sujeito em relação a um meio ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc, mas também existir). (MORIN, p. 41).

É bastante coerente compreender, também que, a partir dessa forma de pensar, a pesquisa científica possa ser encarada como parte de um diálogo estritamente próximo entre sujeito (pesquisador) e o objeto a ser pesquisado (o que inclui, de alguma forma, seu campo de pesquisa). A pesquisa, de certa maneira, pode ser vista como uma construção conjunta em que os dois lados se escutam, e por onde flui o processo de criação do conhecimento científico. Para se alcançar observações objetivas há o imprescindível elemento da subjetividade presente que reconhece a capacidade de pensar do sujeito, de raciocinar e, por isso, interferir naquilo que observa, que estuda, que pesquisa e que isso efetivamente quebra antigos paradigmas da exclusão da subjetividade.

Aliás, o princípio do sujeito e objeto interconectados é fundante no pensamento complexo caracterizado pelo diálogo, mesmo entre elementos aparentemente contraditórios, mas que contribuem de maneira igual para entender os fenômenos. Há uma convivência em termos de complementaridade entre termos como o próprio mencionado binômio sujeito/objeto, mas outros como homem/natureza, ciências naturais/ciências sociais (MORIN, 2007).

Entendemos que, em uma pesquisa como a que se propõe fazer, o pesquisador, enquanto sujeito, efetivamente deve interagir com o objeto pesquisado em um nível profundo para que a própria pesquisa tenha um significado mais real a partir das próprias percepções e elementos culturais que fazem parte desse pesquisador. E que inevitavelmente influenciarão na maneira como esse objeto será verificado e analisado. O movimento em questão implica não apenas em mudanças no sujeito-pesquisador-observador, embora isso ocorra, mas, também, em relação ao objeto pesquisado na medida em que esse não é inerte, totalmente passivo.

Aquilo que os seres humanos percebem ao observar o mundo é, portanto, produto de uma operação muito complexa, na qual estão envolvidos o sujeito-observador, o objeto observado, os esquemas interpretativos utilizados pelo observador e o contexto em que tal observação se dá e adquire ou encontra sentido. Isso sem falar que, nas ciências sociais (no interior das quais a comunicação se inclui), os objetos observados não são jamais uma coisa inerte, sem vontade própria. Eles podem interagir com o observador e, inclusive, reagir às suas interpretações, pois são sujeitos dotados de capacidade autor-reflexiva e fornecem, ele mesmos, interpretações acerca de suas situações. (BARROS & JUNQUEIRA, p. 34).

Na sequência, no entanto, pode surgir uma questão pertinente: em que nível deve esse pesquisador, que é parte do campo pesquisado, realizar sua aproximação do objeto e em que ponto deve promover um certo afastamento estratégico para exercer um olhar diferenciado?

### 3. De Perto e de Longe

A antropologia, sobretudo nas pesquisas com forte influência dos escritos e de Claude Lévi-Strauss, apresenta dimensões de pensamento possíveis nessa relação dialógica sujeito/objeto. A expressão ver de perto para ver de longe, atribuída ao famoso antropólogo belga, foi tomada de empréstimo de um autor dramático japonês que sintetiza, de certa maneira, uma perspectiva que nos interessa muito para a discussão aqui colocada. O olhar distanciado pressupõe evidentemente uma necessária aproximação a uma determinada cultura (e aqui podemos aplicar a um objeto pesquisado cientificamente de forma geral) para se buscar todos os detalhes e pormenores que o cercam a fim de conseguir apreender o maior conhecimento possível do que se deseja obter. Aliás, esse é um movimento bastante importante porque o sujeito sai de si mesmo para tentar ver com a lente dos outros (SILVA, 2010) e se põe em busca de respostas para fundamentar seus pressupostos a respeito de determinado fenômeno analisado. É essencial a busca na medida em que

... os materiais brutos que o meio ambiente natural oferece à observação e à reflexão são, ao mesmo tempo, tão ricos e tão diversos que, de todas essas possibilidades, o espírito não é capaz de apreender senão uma fração. Ele serve-se deles para elaborar um sistema entre uma infinidade e outros igualmente concebíveis; nada predestina um qualquer de entre eles a um destino privilegiado. (LÉVI-STRAUSS, 1983, p. 152).

O primeiro movimento do pesquisador, levando em conta que é um sujeito envolvido ativamente no campo de observação do objeto, vai, portanto, no sentido de aproveitar ao máximo o que a proximidade com esse objeto pode proporcionar, ou seja, como afirma Lévi-Strauss, toda essa riqueza e diversidade. Na sequência pode vir uma fase de entranhamento, ou seja, uma espécie de segunda etapa após o estranhamento ou a colocação de lentes diferentes para ser ver o objeto conforme mencionado anteriormente.

Nessa segunda etapa ou fase, como se prefira chamar, uma característica marcante é de um “mergulho no desconhecido” (SILVA, 2010). Seja por um trabalho etnográfico ou mesmo pela leitura de autores, entra-se nesse mundo específico do objeto para “nadar” efusivamente por ali (aproveitando-se da metáfora do mergulho) e, basicamente, colocar-se no lugar do outro e, assim, compreender as razões do outro, o que vai determinar os rumos da caminhada do pesquisador.

Mas a concepção de olhar distanciado não parece se resumir em ir até o objeto, e sim, conseguir fazer um segundo movimento que é o de se afastar e se distanciar mesmo a ponto de se desentranhar, ou seja, conseguir sair de dentro desse objeto, uma vez imerso nele. Esse movimento é importante porque o pesquisador volta ao seu lugar de fala depois de se estranhar e entranhar e, conseqüentemente, pode dar um passo para mais longe do objeto. Falando sobre o distanciamento da sociedade em que vivemos, em uma entrevista, Lévi-Strauss aborda sua visão do pesquisador enquanto etnólogo, dizendo que

... achei que ele interpretava muito bem a atitude do etnólogo ao observar sua própria sociedade, não como a vê membro dela, mas como veriam outros observadores postados longe dela no tempo e no espaço. (LÉVI-STRAUSS & ERIBON 1990, p. 231).

Essa seria uma sequência mais ou menos lógica, levando em conta a necessidade de o pesquisador-observador, portanto, afastar-se do objeto pesquisado disposto a usar as lentes diferenciadas para tentar enxergar o objeto sob outros prismas. E, depois, seguir para a imersão no objeto e tentar colocar as lentes ou os óculos do outro (ou seja, entrar mais profundamente na relação com o seu objeto de pesquisa) e, finalmente, voltar a fazer suas análises saindo desse objeto e olhando “de fora” ou “de longe”, evidentemente já com outros olhos, isto é, outro tipo de visão.

#### 4. E Quando o Pesquisador Está Dentro?

Essa lógica, no entanto, parece necessitar de uma espécie de movimento inverso ou contrário na sua sequência em uma hipótese específica, especificamente quando o pesquisador está dentro da própria organização. No caso da pesquisa realizada por um pesquisador, enquanto membro da organização que faz parte do objeto pesquisado, essa reflexão se faz necessária na medida em que o intuito é o de não comprometer os resultados da pesquisa e, ao mesmo tempo, tirar proveito favorável dessa condição.

Tem-se, talvez, nesse caso, um ponto de partida diferente do usual. O pesquisador pode já estar imerso no objeto desde sempre. Tomemos por empréstimo o conceito de “observador-participante”, para fazer referência ao conceito de Malinowski, por natureza. Nesse caso, teríamos, com a devida paráfrase, um real “participante-observador”, com ênfase na participação, pois o mesmo está dentro e não fora da organização. Ele observa, mas participa da organização.

Ele não precisa, por isso, iniciar seu trabalho como pesquisador a partir do movimento em direção a conhecer e se aprofundar, ou mesmo colocar as lentes da organização onde o objeto está sendo pesquisado, pois já convive com a mesma e, indubitavelmente, é parte dela, está dentro dela, encontra-se absolutamente familiarizado com ela em relação ao seu discurso, suas manifestações, etc.

É importante compreender, nessa etapa também, o conceito de pesquisa-ação que pode ser bastante útil para se entender o papel e o lugar do pesquisador. Há um elemento importante nesse tipo de pesquisa ao conceituar que o pesquisador está, de certa forma, dentro do campo pesquisado ao desenvolver seu trabalho em um regime de mais inteira cooperação com os pesquisados.

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Evidentemente, aqui não se faz referência direta ao pesquisador enquanto um membro que é partícipe da organização, mas a pesquisa-ação é um recurso metodológico bastante próximo dessa realidade na medida em que o pesquisador pode tirar uma certa vantagem pelo fato de estar mais perto e em plena cooperação com o campo pesquisado e, portanto, isso pode facilitar o desenvolvimento do seu objeto.

Ou seja, o pesquisador está dentro do campo mesmo e o conhece muito bem, não necessitando, por isso, realizar a fase que mencionamos anteriormente e que consiste no entranhamento. Entanhado, continuando com a expressão, ele já se encontra.

Essa condição diferenciada, por outro lado, não o livra da necessidade de estranhamento. Pelo contrário. Com um exercício crítico apurado, é muito provável que ele terá de passar pelo processo de retirar suas lentes (e, nesse caso, as lentes já são utilizadas por alguém que é membro da própria organização em que o objeto está inserido sujeito a vícios típicos dessa condição). E remover essas lentes exigirá do pesquisador, nesse caso específico que estamos analisando, implicará em se abster de preferências pessoais, o natural engajamento que pode existir em sua atuação naquela organização e mesmo questões relacionadas ao vínculo profissional.

Por outro lado, insistimos com a ideia de se fazer o processo inverso do que se apresenta normalmente nas pesquisas a partir desses pontos. Ele pode iniciar com o desentranhamento. Uma vez que está imerso já no campo de pesquisa, por ser não um observador-participante, mas um efetivo participante da organização em que está inserido o objeto, o pesquisador terá de, em algum momento,

proceder o necessário deslocamento e “sair” de dentro do campo, e evidentemente precisará fazer com a ajuda de autores, da mesma forma que faria um outro pesquisador não inserido no campo.

Essa “saída”, falando agora da pesquisa proposta, implicará em compreender obviamente que suas análises levarão, em dado momento, a, inclusive, discutir as relações comunicacionais da organização da qual faz parte. Poderá, em última instância, chegar a considerações e/ou conclusões que não serão necessariamente reconhecimentos ou confirmações com vistas a publicitar o que a organização faz, mas genuinamente, como se espera de uma pesquisa científica, a trazer à tona a relevante discussão sobre o objeto pesquisado e, se for o caso, a consequências que isso poderá ter para a própria organização.

### **Considerações Finais**

Na pesquisa que nos propomos a fazer para a dissertação, o objeto tem relação com as crises de imagem que afetam a organização conhecida como Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e a relação desse tipo de crise com a própria formação da identidade da referida organização. Em resumo, trata da própria crise de identidade que pode afetar uma organização, nesse caso, a Igreja.

O problema do artigo surge, por isso, já que o pesquisador, em questão, desde 1994 é membro ativo da organização e, especificamente, desde 2009, assumiu a função de gerente da Assessoria de Comunicação do escritório sul-americano da denominação. Está, por essas razões, inteiramente ligado à organização adventista atuando, inclusive, como um elemento no processo de gestão de crises da organização.

Está responsável, entre outras atribuições, pelas coordenação da agência de notícias para divulgação mais interna (entre os fiéis), o relacionamento com a imprensa (coordenação geral da estratégia e coordenação tática junto a outros 60 profissionais que atuam em escritórios regionais, universidades, hospitais e outros projetos de cunho social da organização) e a atuação em situações de risco de abalos ou danos à imagem (gerenciamento de crises).

Diante disso, evidentemente, para efeitos de pesquisa, podem ser necessários (e pontuamos aqui) pelo menos três pontos muito claros de relação com a organização adventista e, neles, encontram-se alguns dilemas a serem enfrentados ou encarados.

O primeiro deles é a necessidade de um esforço, por parte do pesquisador, de perseguir a caracterização da organização enquanto a abordagem de sua história e origem para apresentar, então, seu discurso, formado por seus valores (crenças, convicções) na relação com seus públicos, o que será importante para contrapor depois com aspectos de imagem, identidade e o elemento crise. Nessa caracterização, o pesquisador terá de enfrentar o desafio, enquanto apresenta os elementos que definem a organização adventista, pôr-se a divulgar a organização adventista nos moldes mais publicitários e favoráveis, fazendo uma defesa da organização ao invés de uma avaliação no sentido maior de caracterizar esse discurso. Ao caracterizar, identificará o discurso para, no restante da pesquisa, fazer as demais inferências necessárias para o objeto ser analisado e compreendido.

Outro ponto importante, que exigirá do pesquisador fundamental habilidade no trato com a organização adventista, é referente a uma análise de alguns episódios negativos de notório impacto sobre a imagem da organização. Essa análise deverá ser voltada efetivamente para exemplificar a discussão teórica justamente da combinação discurso, imagem, a crise e, por fim, as possíveis consequências para a identidade organizacional. Nesse ponto, o pesquisador terá de produzir uma análise desapaixonada e não partidária por conta de sua estreita relação com a organização e que seja capaz de extrair os dados necessários para a dissertação.

O artigo, por isso, não se propõe, de maneira definida e irrevogável, a definir caminhos es-

pecíficos para o pesquisador que é parte de uma organização e se põe a pesquisar um objeto inserido dentro ou relacionado a essa própria organização. Mas algumas considerações gerais, além das colocadas acima, podem ser apresentadas após se levantar essa série de dilemas e aspectos referentes à metodologia de pesquisa.

Uma primeira consideração é a de que o pesquisador que faz parte da organização, para o pleno e devido exercício de seu intento na ciência, será impulsionado, pelo fato de pertencer a uma organização ligada ao objeto da pesquisa, a desenvolver com presteza o movimento de afastamento ou distanciamento da organização no sentido de realizar seu trabalho com a maior neutralidade possível e, assim, fazer surgir questionamentos importantes para, inclusive, contribuir com essa própria organização. Sem essa busca maior, ou mais intensa, à neutralidade, poderá deixar de obter os elementos que seriam imprescindíveis para colaborar com a própria organização, pois poderia ser tentado a pesquisar apenas para confirmar seus pressupostos enquanto sujeito.

Outra consideração é a de que, como participante da organização, poderá se **valer de um amplo acesso à documentação e, portanto, isso servirá de importante apoio na pesquisa, uma vez que os acessos a esses materiais costumam ser difíceis e complicados, em determinadas organizações**, para os que se encontram naturalmente distantes delas. Ao mesmo tempo, terá de lidar com o conflito de não poder, em certas e específicas circunstâncias por conta de políticas de confidencialidade da organização, exibir em sua pesquisa acerca do objeto pesquisado alguns documentos considerados estratégicos de uso eminentemente interno e cujo acesso é franqueado ao pesquisador sob a condição de que seja mantido o sigilo de não reproduzi-lo.

Os caminhos exatos que um pesquisador poderá adotar, a partir disso tudo colocado, só ele mesmo poderá definir. O mais importante, para nós, foi evidenciar que é necessária essa percepção de que a relação entre sujeito (pesquisador) e objeto tem diferentes facetas e que, mesmo diante de um trabalho em que pesquisador seja participante da organização de onde parte o objeto a ser pesquisado, isso pode não significar necessariamente um obstáculo ou problema epistemológico, nem por outro lado apenas algum tipo de vantagem, porém uma situação a ser contornada ou manejada e que permite refletir sobre o próprio papel de quem observa um fenômeno e sobre ele se debruça para fazer ciência.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Un ethnologue dans le métro**. Paris. Hachette. 1987 (traducido al castellano de Alberto Bixio. El viajero subterráneo. Un etnólogo en el metro. «col. EL MAMÍFERO PARLANTE. Serie Menor». 2ª ed. Barcelona. Editorial Gedisa S.A. 1998).

BARROS, Antônio Teixeira e JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antônio Teixeira (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo, Atlas, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de Marcel Mauss**. In: Mauss, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, [1950], 2003.

\_\_\_\_\_. **O olhar distanciado**. Lisboa, Edições 70, 1983.

\_\_\_\_\_. e ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

SILVA, Juremir Machado da. **O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES**. Porto Alegre, Sulina, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de pesquisa-ação**. São Paulo, Cortez, 1986.